

Para lá da razão

A poucos meses da data para dar início à Comunidade, confrontamo-nos com a questão insolúvel: seguir o mestre, deixando tudo para trás, esquecendo responsabilidades sociais e humanas ou, ao contrário, conciliar os deveres espirituais com os materiais?

Esta questão não é simples. Por um lado vivemos o apelo da alma que se quer libertar das amarras do mundo. Por outro temos os deveres sociais, ou aquilo que consideramos como tal, para nos recordarem que os compromissos assumidos não cessam pelo facto de voltarmos costas à cidade.

Postas as coisas deste modo, a solução parece impossível. Sê-lo-á enquanto usarmos unicamente a ferramenta do raciocínio.

A lógica do mundo é terrível, e a prová-lo está a nossa indecisão. Pelo que nesta questão não podemos seguir apenas pela via racional, precisando de incluir o princípio da fé.

Ora a fé manda ter confiança no destino enquanto discípulos, ter confiança nos mestres enquanto seus filhos, ter confiança nos Irmãos enquanto pares de uma construção comum.

Construir um projecto comunitário só será possível quando todos confiarem e se amarem fraternalmente.

O princípio da fé, que não é de ordem racional, ultrapassa a dificuldade e coloca a questão num plano distinto. De onde a pergunta fundamental: somos suficientemente corajosos para assumir a missão de manter a chama da consciência acesa, ou não? Somos suficientemente corajosos para aceitar a missão de levar a mensagem a todos aqueles que a quiserem ouvir, ou não? Somos suficientemente corajosos para acreditar que as forças que nos trouxeram ao mundo, hão-de continuar a velar por nós enquanto a missão não estiver concluída, ou não? Tudo se passa neste nível.

Ao homem é legítimo expressar os receios quanto ao futuro: o que há de comer, o que há-de vestir, onde se há-de abrigar. Entretanto aquilo que é legítimo ao homem, por via do medo, talvez não seja legítimo ao discípulo, talvez seja uma traição ao mestre.

O primeiro dever do discípulo é seguir o mestre. O segundo é confiar nas suas indicações. O terceiro é amar aqueles que a vida entendeu colocar à sua guarda. De onde deriva que nenhum dos irmãos estará isento de responsabilidades se algum se perder. Somos responsáveis, não apenas por nós, mas por todos os outros. Esta questão torna-se especialmente importante quando uns aderirem, porque tem condições para tal, e outros ficarem para trás, porque não as tem.

A juntar a todas as questões aparentemente insolúveis, acresce mais uma: somos uma unidade onde todas as partes contam. Querer construir uma comunidade, que na verdade é uma unidade de consciências, deixando de lado alguns, é uma impossibilidade. Tentar ir por esse caminho é construir um ser inacabado.

Realizaremos a comunidade quando nos juntarmos em redor da fé no mestre, da obediência aos seus princípios, no amor de uns pelos outros.

Até lá projectaremos na parede baça do futuro as intenções que para uns serão claras e para outros obscuras, mas nada de fundamental acontecerá.

A verdadeira construção começa no espírito e termina na matéria, começa na fé e termina na razão, começa no amor e termina na confiança. Sem fé, e amor, a razão é um obstáculo intransponível e o amor um egoísmo - mesmo que seja um egoísmo de muitos.

Compreendendo que esta questão continua em aberto, sendo para alguns uma ferida em redor da qual sofrem, pareceu-nos oportuno reflectir. Não na tentativa ilusória de escamotear as dificuldades, que até são colectivas, mas na ideia de que juntando reflexões, alguma luz penetre neste nevoeiro.

Queiram os poderes espirituais esclarecer-nos para, no silêncio desta plataforma, alcançarmos um patamar de onde possamos ver, não apenas as dificuldades, mas também a luz possível.

*João Crisóstomo
Amarna, Dezembro de 2000*